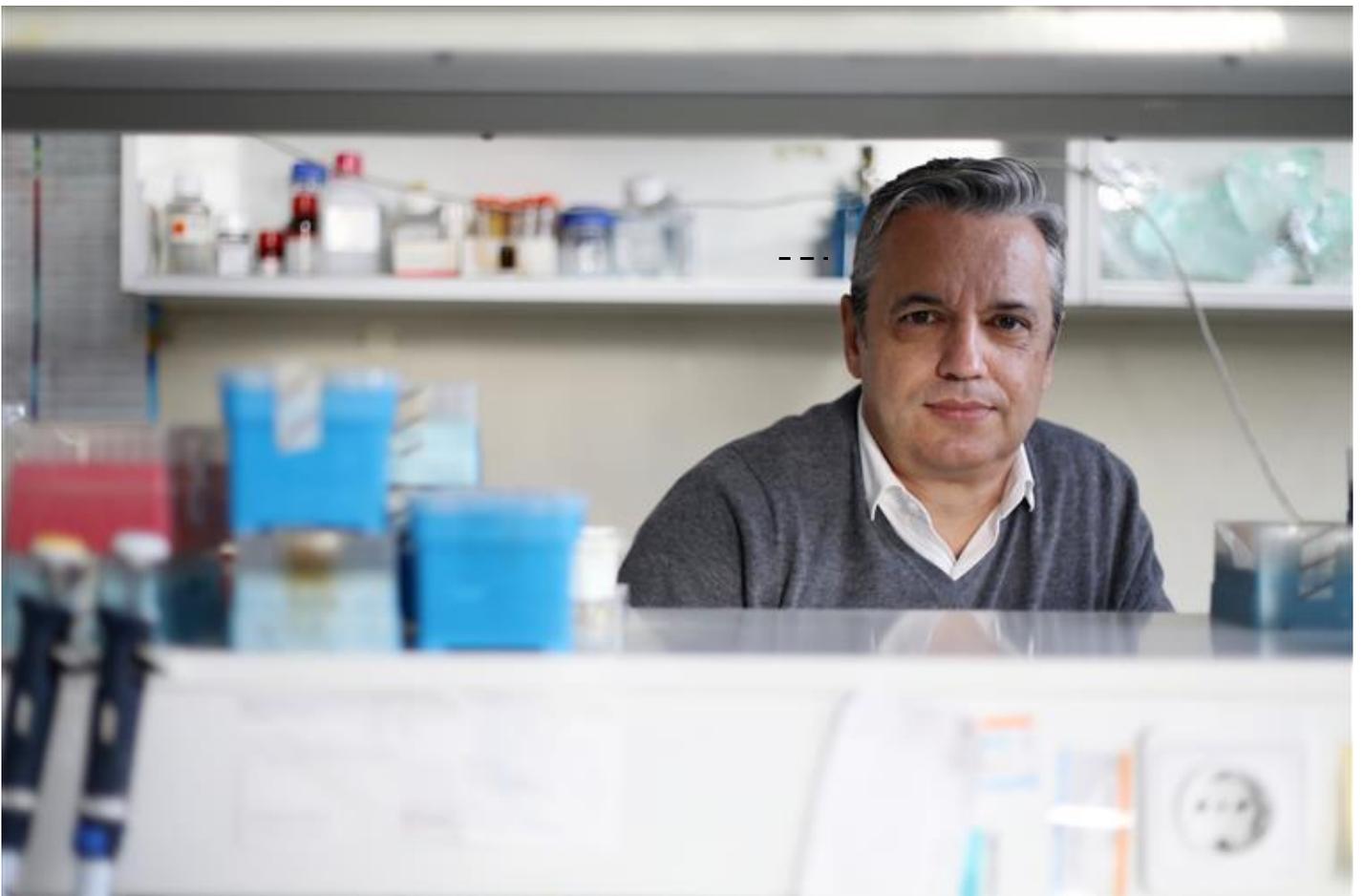


"Sem vacinas teríamos uma esperança de vida de 40 ou 50 anos"

João Gonçalves foi um dos peritos ouvidos na última reunião do Infarmed sobre as incertezas das vacinas da covid-19 e deixou um apelo: «Não tenham medo». Explica que, mais do que a segurança, é sobre a eficácia e duração da proteção que há ainda dúvidas. E avisa: ainda não se sabe metade do que é preciso para saber se a vacinação terá um sucesso 'sem espinhas' e quando – mas aponta alívio para o fim de 2021.



Defende que, por cautela, as populações que foram pouco envolvidas nos ensaios das vacinas da covid-19, como é o caso de idosos com mais de 75 anos, não deviam ser as primeiras a ser vacinadas. Nem quem tem alergias graves – e por isso considera que o Reino Unido foi imprudente e gerou alarme. João Gonçalves, professor da Faculdade de Farmácia, diretor do Instituto de Investigação do Medicamento e especialista em anticorpos, guia-nos por este mundo, entre o sucesso e a incerteza com que se chega ao final de 2020, com nove meses de pandemia em cima, e as primeiras vacinas a chegarem ao mercado.

O que sente alguém que trabalha na área ao ver esta semana as primeiras pessoas a serem vacinadas?

É um momento de satisfação e de orgulho. Muitas pessoas acham que um ano foi pouco tempo. Só foi possível porque houve uma conjugação de esforços sem precedentes. Não só do ponto de vista da investigação, mas das empresas, dos Governos.

Imaginava que fosse possível?

Temos sempre dúvidas. Mas desde o início houve uma grande vontade dos reguladores e das empresas de chegar a bom porto. Ao longo dos últimos 20, 30 anos temos visto os reguladores e as empresas, às vezes, um bocadinho de costas voltadas.

Por suspeitas de alguma coisa?

Não. É muitas vezes pela burocracia imposta. Há mais burocracia do que as pessoas pensam neste mundo dos medicamentos. Um ensaio clínico é capaz de demorar dois ou três meses mas, se calhar, demora um ano a ser avaliado. Este tempo todo de burocracia foi eliminado nesta pandemia. Se pensarmos que fomos capazes de reduzir seis ou sete anos para oito meses, e que nestes oito meses temos estudos clínicos que demoram dois ou três meses e depois sete ou oito a avaliar, o que tivemos neste encurtar de tempo foi os reguladores conseguirem colaborar com as empresas para que, à medida que os dados fossem sendo gerados, irem avaliando.

Além de burocracia, não se poderão ter saltado passos importantes em termos de segurança e qualidade?

Não, e nessa questão ponho as mãos no fogo. E tudo o que foi feito vai ser publicado e escrutinado. Há nove empresas envolvidas nesta última fase destas seis vacinas em fase mais avançada e todas sabem que a primeira coisa para que todos vão olhar é para a segurança e qualidade. Houve até uma posição muito conservadora dos reguladores: colocaram uma barreira de eficácia de 50% para as vacinas serem aprovadas, muito cá em baixo. As empresas nem estavam demasiadamente preocupadas em ter uma eficácia muito elevada, estavam preocupadas com qualidade e segurança. O que houve de novo neste processo foi também um apoio muito grande dos Governos. Muitos compraram antecipadamente os lotes das vacinas. E isso deu uma margem grande às empresas que não existe noutras circunstâncias.

Chega a ouvir-se que a indústria farmacêutica ganha mais não curando doenças.

Não creio. Trabalho em medicamentos desde o início dos anos 90 e nunca senti isso. Sempre que a indústria tem possibilidades de uma cura ou breakthrough, isso é claramente uma vantagem que utiliza. As empresas precisam de ser as primeiras a colocar um medicamento revolucionário no mercado, é isso que lhes dá liderança. E se não conseguirem medicamentos revolucionários também, hoje em dia, os reguladores não os aprovam.

Têm de ser cada vez mais diferenciadores para serem aprovados e depois compartilhados.

Exatamente. Estão numa competição muito grande. Há 40 anos, a ciência e tecnologia estava na mão de sete ou oito empresas. Neste momento são 30 ou 40. Olhando para o exemplo desta primeira vacina da covid-19, a tecnologia não é Pfizer, é da BioNTech. A tecnologia da vacina da Moderna é de uma empresa que praticamente não tinha produtos no mercado. São pequenas empresas que já são tão ou mais competitivas que as grandes, só não têm o financiamento necessário. Colocar um medicamento no mercado é muito caro. O Governo americano e investidores colocaram 2 biliões de dólares em seis meses na vacina da Moderna. Isto nunca aconteceu. E por cima disto têm a garantia de que lhes vão comprar o produto. Tudo isto acelera os processos. Numa situação normal, não é que não haja desenvolvimento, mas vai tudo acontecendo mais devagar porque há um risco inerente à incerteza de colocar o produto no mercado.

Não há lucros extraordinários?

Pode haver lucros extraordinários após uns anos mas, ao início, as empresas recuperam investimento. Claramente, quando há sucesso, ganham dinheiro com isso, mas enquanto umas ganham, outras perdem.

Temos visto nos últimos anos medicamentos inovadores a chegar ao mercado a custarem meio milhão de euros por um ano de tratamento. Como se chega a um valor assim?

Resultará do investimento feito e do número de clientes, entre aspas, ou o número de pessoas que vão utilizar o medicamento.

Nas vacinas da covid-19, o valor é baixo porque será universal?

- - -

São milhões de pessoas. Nas terapias mais avançadas, em que temos 30 ou 40 doentes, aumentam o preço para recuperar o investimento. De forma simples, o risco que as empresas tiveram agora foi suportado pelos Estados, pelos Governos, que compraram antecipadamente para milhões de pessoas. Nunca aconteceu.

Com esta abordagem, seria possível haver tratamentos para mais doenças?

Não sei se se poderá repetir. Só numa doença que afetasse toda a população de todo o mundo.

O cancro.

Mas o cancro são múltiplas doenças que se fragmentam consoante os tipos de cancro. Não é uma realidade comparável. Penso que poderá voltar a acontecer, mas numa pandemia, em algo que seja dramático a este ponto de afetar as pessoas e a sociedade rapidamente. Em termos práticos, creio que não se cortou em nada do que normalmente se faz no desenvolvimento da vacina. Agora falta a outra etapa. As pessoas dizem: «Foram pouco testadas, agora é que se vai ver». Todas estas questões de monitorização e necessidade de farmacovigilância é o que acontece com qualquer medicamento que chega ao mercado.